

Ciro Gomes conta o que Lula pediu aos ministros

De passagem por São Paulo, o ministro **Ciro Gomes**, da Integração Nacional, concedeu entrevista exclusiva à revista **Consultor Jurídico** para falar de dois assuntos: sobre sua ida ao Pará, nesta terça-feira (15/2), para ajudar a investigar o assassinato da missionária americana Dorothy Stang e sobre os aspectos legais e geopolíticos da mais ousada tarefa do ministério que comanda: a transposição das águas do Rio São Francisco.

O governo federal está implantando o Projeto de Integração do Rio São Francisco com as bacias hidrográficas do nordeste setentrional, a englobar Ceará, Paraíba, Rio Grande do Norte e partes de Pernambuco e Alagoas. Pelo projeto, cerca de 1,5% da água que o rio joga no mar será captada para garantir o consumo humano e animal do semi-árido nordestino, onde vivem 12 milhões de pessoas.

Leia a entrevista:

O que o presidente Lula pediu aos ministros no caso da missionária assassinada?

Na verdade, o presidente Lula pediu uma ação enérgica e organizada de um conjunto de ministros que têm alguma interatividade. Nesta primeira fase a responsabilidade formal é protagonizada pelo ministro **Marcio Thomaz Bastos**, que já tomou providências. Nós, entretanto, achamos que podemos reforçar. O Ministério da Integração tem responsabilidades neste aspecto de desenvolvimento, de ordenamento territorial. O Ministério de Desenvolvimento Agrário tem a ver com o ordenamento fundiário, a regularização fundiária. O Ministério do Meio Ambiente tem a ver com a regulação e normatização e também a punição de irregularidades na questão da exploração da madeira ilegal. Enfim, é um conjunto de providências que o presidente quer que se tome.

Fale dos aspectos legais do plano novo sobre o São Francisco.

Vejo isso com paciência, porque esta ideia já foi muito mal-tratada no passado. Não havia, quando o presidente Lula tomou posse, sequer um plano de bacias, o que era uma exigência legal. Precisamos esclarecer números. Há uma necessidade crônica de água no Nordeste, algo que o Brasil inteiro conhece porque vê a crônica lamentável da seca. Há uma exigência moral da sociedade brasileira para que se faça tomar uma providência estrutural. Estamos no século 21 e não é mais tolerável que se deixe sem resposta esse problema, que atinge 20 milhões de pessoas e estabelece o maior curso migratório desta banda do planeta.



Hã; outra questã£o: o rio agã¼enta? O rio estã; muito mal-tratado, muito machucado. Hã; 250 cidades que lanã§am esgoto sem tratamento no rio, e isso estabelece uma agenda de revitalizaã§ã£o, o que tambã©m era um consenso, mas nunca se passava da conversa fiada para um exercãcio concreto. Agora estamos agindo. Jã; temos R\$ 621 milhães contratados e as primeiras providãncias sendo tomadas. E sob o ponto de vista de que se hã; ou nã£o possibilidade de transferir ã;gua, o rio tem sim. Hoje isso estã; esclarecido tecnicamente, e o projeto precisa de apenas 1% da ã;gua. Se isso for esclarecido, todos os crãticos de boa fã© estarã£o mudando de posiã§ã£o.

Entretanto, remanescerã; sempre uma crãtica que no direito tem propriamente mã;-fã©. ã? uma crãtica egoãsta: trata-se de reserva de valor de uma ou outra fraã§ã£o da ribanceira do rio, imaginando que essa ã;gua indo mitigar a seca dessa regiã£o dramaticamente seca do nordeste, pode daqui a 50 anos fazer falta no rio. Isso ã© egoãsta e nã£o tem fundamento tã©cnico porque daqui a 50 anos a matriz tecnolã³gica de irrigaã§ã£o jã; estarã; dramaticamente mudada, como vem mudando para se economizar ã;gua.

E a natureza brasileira oferece ali, numa distãncia um pouco maior, a transposiã§ã£o do Rio Tocantins que tem ã;gua sobrando, entã£o nã£o hã; necessidade, nã£o hã; razã£o, nã£o se explica mais que alguã©m se mantenha contra isso ã luz do que foi feito. Nã£o havia no passado nenhuma interferãncia fundiãria. Agora estã; declarado que ã© de utilidade pãblica uma faixa de 2 quilãmetros e meio de cada lado da obra, para desapropriar e fazer ali uma ampla fronteira de reforma agrãria. Nã£o havia preocupaã§ã£o com a questã£o ambiental. Agora isso jã; ã© uma preocupaã§ã£o central e acho que o projeto estã; maduro.